

SIMONE DE BEAUVOIR

1. *A mulher como Outro*

É pois necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. (...) Quando emprego a palavra ‘mulher’ ou ‘feminino’, não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável (...) Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina particular (...) Ninguém nasce mulher; torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam como feminino. (BEAUVOIR, *O Segundo sexo*. 1967, p. 7 e 9)

Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência a sente como uma necessidade indefinida de se transcender. Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito, que se põe sempre como o essencial, e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? (BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 23).

2. *A possibilidade da reificação*

(...) ser um sujeito soberano e único no meio de um universo de objetos, eis o que ele (o indivíduo) compartilha com todos os seus semelhantes; a seu turno objeto para os outros, ele nada mais é, na coletividade de que depende, que um indivíduo. Desde que há homens e que eles vivem, todos experimentaram essa trágica ambiguidade de sua condição; mas desde que há filósofos e que eles pensam, a maioria deles tentou mascarar-la. (BEAUVOIR, Simone. *Pour une moral de la ambiguïté*. Paris: Gallimard, 2005, p. 10).